

Ninguém te saberá: a poética da solidão gay nos poemas de Caio Fernando Abreu

Cássio Souza da Silveira ¹

Diego Grandó ²

RESUMO

Examinaremos neste artigo a forma com a qual o escritor Caio Fernando Abreu representou, em seus poemas, o fenômeno da solidão gay enquanto temática. Para tal, analisamos, visando sua totalidade, quatro poemas presentes em sua antologia póstuma, de acordo com as teorias de pesquisadores sobre o estudo da solidão enquanto um acontecimento inerente ao ser humano. Contudo, nosso foco se dará em especial no levantamento acerca da solidão gay, que, em sua estrutura intrínseca, manifesta-se diferente da solidão observada em pessoas heterossexuais, tanto em suas causas quanto em suas consequências. Tais repertórios nos possibilitaram a capacidade de enredar os poemas selecionados cronologicamente na seguinte série de sentimentos: anseio, desilusão, revolta e aceitação, resultando numa melhor compreensão da obra poética de Caio F. ao trazer à luz um sentimento particular ao eu-lírico que não se relaciona em sua totalidade a todos seus leitores.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; solidão gay; poesia; literatura brasileira.

Nobody will know you: the poetics of gay loneliness in Caio Fernando Abreu's poems

ABSTRACT

In this article, we will analyze the way in which writer Caio Fernando Abreu represented, in his poems, the phenomenon of gay loneliness as a theme. To this end, we analyzed, aiming at their

¹ Graduado em Letras pelas Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e atual bolsista PROEX (Capes) de mestrado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). **E-mail:** cassio.silveira@edu.pucrs.br. **Orcid:** 0000-0001-6554-9465.

² Doutor em Letras - Estudos de Literatura - pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realiza estágio de pós-doutorado (PNPD/Capes) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde atua como professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Letras. **E-mail:** grando.diego@gmail.com. **Orcid:** 0000-0001-8907-8864.



totality, four poems present in his posthumous anthology, according to the theories of researchers on the study of loneliness as an event inherent to the human being. However, our focus will be in particular on the survey about gay loneliness, which, in its intrinsic structure, manifests itself differently from the loneliness observed in heterosexual people, both in its causes and in its consequences. Such repertoires allowed us the ability to entangle the poems selected chronologically in the following series of feelings: longing; disillusionment; revolt and acceptance, resulting in a better understanding of Caio F.'s poetic work by bringing to light a particular feeling to the poetic speaker that is not related in its entirety to all of its readers.

Keywords: Caio Fernando Abreu; gay loneliness; poetry; brazilian literature.

1. Introdução

Caio Fernando Abreu, nas palavras de Letícia Chaplin e Márcia Ivana de Lima e Silva (2012), organizadoras da antologia *Poemas nunca publicados de Caio Fernando Abreu*, é considerado um dos maiores escritores da contemporaneidade brasileira, tanto em termos quantitativos quanto de criatividade. Embora seu reconhecimento esteja relacionado à produção ficcional em prosa, o escritor escreveu, desde o início de sua carreira, poemas que nunca foram publicados em vida, chegando a seu público leitor apenas em 2012, quase 16 anos depois de sua morte.

Seu repertório literário, conforme expõem as pesquisadoras, evidencia características intrínsecas à pessoa Caio F., que apresentava em seus escritos a busca por uma identidade e a inquietação em relação ao sentido de existir como um ser no mundo. Deixando transparecer bastante de si em suas obras, por conta de seu caráter introspectivo e intimista, muitas temáticas podem ser abstraídas para fruição estética e também para estudos científicos, como a já citada identidade, o cotidiano e o erotismo, frequentemente unidas com o autor. Com esta pesquisa, utilizaremos uma abordagem qualitativa, separando quatro composições de Caio na intenção de vislumbrar, em sua totalidade, as formas de representação dadas à solidão em seus poemas, tema bastante explorado em sua prosa ficcional, relacionando-as com sua condição na qualidade de homem gay, visto que esta característica aparenta passar despercebida nestes estudos de sua obra.



Vislumbraremos de início, principalmente a partir das ideias de Octavio Paz (1992), a relação artificial, no sentido de algo criado pelo homem, que o ser humano construiu com a solidão, pautando-a como algo inerente a todas as pessoas, para, logo em seguida, afunilarmos o assunto para um grupo específico de indivíduos: a comunidade LGBTQ+ em geral, com a denominada descoberta da solidão gay, trazida à tona pelo repórter Michael Hobess (2017). Em vista disso, e relacionando ambas as reflexões teóricas, pretendemos ser capazes de contribuir para estabelecer, com este artigo, uma nova visão acerca de características idiossincráticas na produção de Caio F., que, embora particular, é englobada dentro de um grupo específico do qual o autor destoava, possibilitando, dessa forma, novas leituras relacionadas à natureza de sua criação poética.

2. Contextualização

Estudos sobre a solidão não são recentes. Há muito se teoriza a respeito de sua existência, enquanto fenômeno relacionado ao ser humano, em diversas áreas de conhecimento, incluindo aí os estudos literários. Essa aproximação se mostra avultosa de modo geral, mas igualmente quando pensada frente à fortuna crítica da obra de Caio Fernando Abreu, por ser uma das temáticas mais evidentes e constantes em seus escritos.

Nosso problema de pesquisa se baseia na constatação de que tais estudos relacionam a solidão presente na poesia e na prosa do escritor a uma solidão geral, da qual se poderia encontrar igualmente nos escritos de qualquer outro autor. Contudo, tendo a noção da homossexualidade de Caio F., compreendemos que essa manifestação se dá em um nível diferente, com causas específicas. A solidão de um homem heterossexual não é, na maioria das vezes, a mesma solidão sentida por um homem homossexual.

A preferência pelo pensamento de Octavio Paz (1992) explica-se pela aproximação deste com a literatura, sendo ele um poeta e um teórico, tornando mais viável aos nossos propósitos uma visão voltada ao poético, diferente de outras linhas de pesquisa que abordam a problemática da solidão por orientações psicológicas, sociológicas ou religiosas.

O maior empecilho para o desenvolvimento desta investigação foi a falta de referências



científicas sobre a solidão gay como um objeto, já que este conteúdo ainda é majoritariamente desdobrado pelo meio jornalístico. Recorremos, assim, à influência de Michael Hobbes, repórter norte-americano que, até o presente momento, caracteriza-se como a maior referência ao assunto. Esperamos, com isso, contribuir para a efetivação e a ampliação de discussões a respeito deste tema.

3. Um estudo sobre as solidões

Ao pensar no termo solidão de acordo com o senso comum, refletimos provavelmente nas ideias de pessoas que se encontram sozinhas ou isoladas de seus semelhantes. Indo além dessas noções, muitos pesquisadores se debruçaram sobre o estudo do fenômeno da solidão e, apesar das diferentes conjunturas ligadas aos indivíduos, garantem, como nos diz o psiquiatra brasileiro Flávio Gikovate (1998), que a solidão é um acontecimento inerente ao ser humano e representa uma de nossas características existenciais.

A pesquisadora Cláudia Fares (1996) afirma que, diante da percepção da solidão, o homem visa a preencher vazios abertos por ela em uma busca constante pelo outro, por um lugar no qual se sentirá acolhido, ou, até mesmo, por si próprio, com a intenção de amenizar e aliviar suas angústias. Acentua, igualmente, que a solidão pode se dar em razão do vazio filosófico provocado pela existência, como uma busca por um significado metafísico da vida, com uma manifestação que transcende o estar fisicamente sozinho, apresentando-se consistentemente em pessoas que vivem em companhia de outras.

Octavio Paz (1992), em *O labirinto da solidão e post scriptum*, se aproxima desses pensamentos e reitera que, embora tenhamos essa condenação sobre os ombros, também vivemos em uma constante tentativa de superação dela. “Todos os nossos esforços tendem a abolir a solidão” (PAZ, 1992, p. 176), com a expectativa de que a assonância com o mundo será a recompensa final, ainda que a solidão seja o cerne da condição humana.

Para o autor, a natureza artificial do ser humano se dá em uma aspiração a se encontrar no outro, em resposta a uma certeza: todos os homens estão sós. Sendo o único ser vivo capaz de experimentar tal sensação de duplo significado, busca, a partir da consciência



de si, que é sentida como carência por outrem, uma realização inalcançável, em um desejo de sair de si.

Paz sugere que a experiência da solidão se dá através da dialética do nascer e do morrer, principais atos representativos deste feito, que limita em ambas extremidades o transcorrer da vida. Com a certeza da morte, todas as coisas nos guiam em direção a ela, mas também nos atraem de volta rumo à vida, pedindo ao amor, ato não natural, “que nos dê um pedaço de vida verdadeira, de morte verdadeira” (PAZ, 1992, p. 177), sendo um dos exemplos o desejo intrínseco de se aprofundar em si e, ao mesmo tempo, no outro, em uma tentativa de transcender a solidão.

Tais tentativas apresentam-se nas diversas etapas da vida de uma pessoa. Quando criança, existe a ideia de que o rompimento do cordão umbilical a desune da vida, e ela tenta recriar esse vínculo através da afetividade, do brinquedo e da imaginação pela virtude da palavra. O conflito ressurgiu no momento em que a consciência em pleno desenvolvimento desconfia da mágica infantil, dando lugar à ruptura deste mundo pela adolescência. Nesse período, o homem enxerga pela primeira vez a sua singularidade e, em contato com a noção de si, surge a urgência de sua própria superação, que se dá pela entrega ao mundo. “Por isso, a adolescência não é apenas a idade da solidão, é também a época dos grandes amores, do heroísmo e do sacrifício [...] O adolescente se abre para o mundo, para o amor, para a ação, para a amizade, para o esporte, para o heroísmo” (PAZ, 1992, p. 183).

Mais adiante, Paz assegura que, com o advento da maturidade, a solidão cede seu lugar às preocupações rotineiras do homem consumido pelo trabalho, com sua singularidade redimida e sua existência particular mesclada no todo, podendo, a partir disso, considerar o adulto solitário como uma anomalia, o que evidencia os problemas da sociedade, já que o homem se encontra mais sozinho do que nunca frente ao que parece um mundo sem saída.

Não pretendemos, aqui, expor à exaustão os estudos já realizados sobre a solidão *tout court*, tendo em vista que muito já foi falado sobre isso, em muitas manifestações diferentes da perspectivada nesta pesquisa. Nosso enfoque se dará a partir de um tema restrito e relevante para a compreensão da produção poética de Caio Fernando Abreu, a solidão gay,



que aparece de forma bastante recorrente em sua obra e vincula-se à orientação sexual do autor, que viveu abertamente enquanto homem gay nas décadas finais do século XX.

Em artigo publicado sob o título *The epidemic of gay loneliness*, o repórter americano Michael Hobess (2017) questiona o motivo pelo qual homens homossexuais, apesar dos anos de progresso social, ainda apresentam altos índices de suicídio, de transtornos de saúde mental e de abuso de drogas, relacionando tais ocorrências à prevalência e à persistência da solidão sentida por pessoas que se reconhecem como membros da comunidade LGBTQ+. Partindo de seu próprio meio social como objeto de pesquisa e também de estudos que comparam a saúde mental entre pessoas homossexuais e heterossexuais, o autor afirma que, enquanto seus conhecidos heterossexuais apresentam com frequência problemas ligados a relacionamentos, a filhos e ao tédio do cotidiano, seus amigos gays exibem com assiduidade problemas de depressão, ansiedade, isolamento, dismorfia, entre outros, não tendo, entretanto, a intenção de negar que pessoas héteros não passem por tais problemas, mas afirmando que elas não as sofrem por consequência de suas próprias orientações sexuais.

Reconhecendo que a comunidade LGBTQ+ teve mais progressos em níveis de aceitação nas últimas décadas, e valendo ressaltar que tais avanços privilegiam os gays frente a sujeitos pertencentes a outros grupos minoritários da mesma comunidade, Hobess declara que os direitos conquistados muitas vezes funcionam como uma faca de dois gumes: por exemplo, a legalização do casamento homoafetivo em diversos países, que para alguns gerou uma nova possibilidade de vida legalizada perante a lei, mas para outros gerou um vazio frente a algo aparentemente inalcançável.

Além disso, o autor, a partir de pesquisas realizadas em universidades do Estados Unidos, apresenta números e estatísticas de que homens gays casados apresentam dez vezes mais chances de se suicidar que casais heteronormativos, assim como são três vezes mais propensos a desenvolver transtornos psíquicos.

Hobess afirma, então, que mesmo aqueles homossexuais que, por privilégio, não sofreram por homofobia e preconceito ao longo da vida incluem-se nos levantamentos, o que permite concluir que ser e viver como um homem que sente atração por outros homens ainda



é, segundo suas palavras, algo indubitavelmente alienante. Antes, a solidão ocorria principalmente pela prisão em que viviam as pessoas por não poderem assumir suas orientações sexuais, mas, nos dias atuais, mesmo os que vivem abertamente ainda se sentem isolados. Aqui, cabe-nos expor a distinção proposta por Paul-Eugène Charbonneau (1984) entre solidão e isolamento. Para ele, o isolamento consiste na privação definitiva de toda comunicação, resultando em uma solidão ainda mais rigorosa, enquanto o ser unicamente solitário a usa como impulsão em direção ao outro, como mencionado acima pelas ideias de Cláudia Fares.

Com os movimentos culturais do século XX, Hobess continua, e com a remoção do termo *homossexualismo* da lista de distúrbios, muitos se dedicaram aos estudos acerca desta condição do homossexual, gerando quase um consenso sobre os sintomas apresentados, relacionando-os aos traumas sofridos por essas pessoas, especialmente as que eram expulsas de casa e precisavam viver em situações de ilegalidade. Todavia, atualmente esses casos não correspondem à totalidade do assunto, visto que, como exposto por Michael Hobess através de pesquisas, outras evidências foram trazidas à tona. Muitos especialistas afirmam terem tratado pacientes gays com sintomas de estresse pós-traumático semelhantes, por exemplo, aos de pessoas vítimas de estupro, sem, no entanto, terem sofrido qualquer injúria que justificasse o diagnóstico. A hipótese de pesquisadores gira em torno do fato de pessoas LGBTQ+ serem condicionadas a esperar pela rejeição, ainda que estas não reconheçam tais comportamentos.

Surge, assim, o termo cunhado por pesquisadores de EM (Estresse de minoria), como complementam Fernanda Paveltchuk e Juliane Borsa (2020), para definir a necessidade de um esforço extra provindo de um grupo marginalizado frente a outro dominante, como uma única mulher em uma reunião de negócios cercada por homens ou um único estudante negro em um curso universitário de elite branca. Hobess acrescenta que esse estresse se amplia para pessoas homossexuais, já que sua condição de minoria, em algum momento de sua vida, precisa (ou precisou) ser ocultada. Assim, de modo geral, mesmo quem não mais necessita se esconder carrega consigo o estresse de um dia ter precisado, o que resulta na solidão de um



sujeito que desde criança precisa enfrentar tais adversidades completamente sozinho, pois aprende em uma sociedade heteronormativa que sua identidade é errada e precisa ser escondida, o que provoca eventos frustrantes com um efeito desproporcional: ainda não que não tenha sido diretamente ofendido, o indivíduo fica na expectativa de que venha a sê-lo, e isso molda todo seu comportamento, na esperança de que evite passar por situações preconceituosas. Hobess afirma que, muitas vezes, o *bullying* acontece internamente, pela pessoa que imagina aquilo que lhe seria dito, o que gera uma tentativa de adaptação e um isolamento antecipados.

Hobess prossegue com a afirmação de que existem dois momentos de aflição e estresse para homens gays: primeiro, no período antes da liberdade ou de *sair do armário*; depois, além do EM, no contato inicial com a comunidade homossexual. Para outros grupos comunitários, conviver entre semelhantes reduz as chances de transtornos mentais; o mesmo não acontece, contudo, em se tratando, em sua maioria, de relações sociais gays. A pessoa que cresceu na solidão se vê novamente presa em uma outra solidão, perante um grupo que, por semelhança, deveria aceitá-la, mas que é repleto de seus próprios preconceitos embutidos, como se, nas palavras do autor, fosse uma selva banhada pelo consumo excessivo de drogas e de sexo: sintomas das dificuldades de uma vida encoberta pela heteronormatividade.

4. A constituição de um poeta solitário

Muitas características dessa comunidade efervescente podem ser encontradas tanto na vida quanto na obra de Caio Fernando Abreu, como a animosidade em relação ao sexo, confirmada pela quantidade de estudos acerca da erotização em textos do autor, relacionada, de certa forma, com a epidemia do HIV/AIDS, responsável pela morte do escritor. A partir dos anos 1980, essa animosidade influenciou e incentivou uma homofobia descarada por parte da sociedade, que considerava a doença como uma punição de Deus, isolando de forma direta pessoas homossexuais. Outra característica é a presença frequente, e de forma explícita, do consumo de drogas em seus escritos, tendo o próprio Caio sido, como mostra a cronologia de sua vida apresentada na coletânea *Contos completos* (2018), preso por porte



de drogas ainda nos anos 1970.

A partir de agora, evidenciaremos as formas com a qual esses atributos se juntam para a construção de um ser solitário nos poemas de Caio F., seja pelo medo e expectativa de abuso de um homem *dentro do armário* vivendo em plena ditadura militar, seja pela desilusão dele com a comunidade que, tendo sido oprimida uma vida inteira, acaba por oprimir seus semelhantes. Mesmo que outras características pudessem ser destacadas, como o machismo sobre homens mais afeminados e os padrões corporais irrealistas exigidos nas relações afetivas, não as colocaremos em questão por serem menos frequentes em sua obra.

5. A solidão gay nos poemas de Caio Fernando Abreu

Discutiremos, nesta seção, quatro dos poemas que integram a coletânea *Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu*, correspondentes, na estrutura da obra, aos poemas 8, 12 e 14, da década de 1970, e ao 17, da década de 1980.

Começamos pelo único dos poemas listados que possui título – título que nos informa, de antemão, que se trata de um escrito destinado a um ser inexistente, fora da realidade, mas dentro dos desejos.

8 – PARA UM AMOR QUE NÃO VEIO

Tenho sede de ti
meu amor
mas desconheço o som de teus passos
desconheço
a textura (provavelmente morna)
de teus cabelos – desconheço.

Tenho tanta sede de ti
amor – areia soprada pelo vento
teia esgarçada, sonho desperto
bruscamente – tanta sede
e tão abissal
e tão atávica
e tão desencontrada
nestes vinte e seis anos de procuras
vãs.

Ah



quero fechar meus olhos
quero despertar logo e
bruscamente
deste denso sono sem ti:
amado, amada
– desconhecidos
alados. (ABREU, 2012, p. 43)

A ânsia por esse amor é retratada no poema na forma de uma necessidade vital dos seres vivos, a sede: algo ardente, capaz até de tirar a vida caso não seja saciada, ainda que seja tão efêmera quanto uma areia soprada.

Não é incomum a vontade das pessoas de serem amadas, algo que, como dito anteriormente, foi criado pelo homem em uma tentativa de preencher a si mesmo e, dessa forma, é intrínseco a ele, como expresso pelos versos “tanta sede / e tão abissal / e tão atávica”, chegando à verdade primitiva do homem. Igualmente frequente é o acesso que temos a escritos de autores heterossexuais descrevendo em prosa e verso seus primeiros amores devastadores, da infância à juventude e à velhice. Grandes obras universais da literatura retratam isso. Aqui, no entanto, Caio F. nos mostra a realidade alternativa em que vivem os homossexuais, desejando uma completude para um vazio sentido ao longo dos 26 ditos anos em que procurou, em vão, ser amado – como os heróis adolescentes apresentados por Paz foram. O eu lírico chega a afirmar, na última estrofe, que a realidade em que vive não passa de um sonho, tamanha a vontade de se sentir completo, ou seja, no outro, por um ser, não importando que seja ou um homem ou uma mulher, completamente idealizado: um desconhecido alado, que, em um jogo de palavras, nos remete a *ao lado*, perante uma dialética de aproximação e distanciamento – tão perto, mas tão longe –, em uma sociedade que, apresentada através de uma atmosfera de sono que interrompe o viver cotidiano, abomina sua existência.

O despertar brusco do sujeito lírico parece acontecer de forma inesperada, como exposto no próximo poema.

12

Ninguém saberá da segura de nossos olhos

283



da dureza de nossa boca ninguém saberá
do fio das unhas da dor no dente
do sangue guardado no fundo da gaveta

ninguém adivinhará os jardins atrás do muro fechado
ninguém quebrará o ferro do portão
ninguém violentará o secreto
ninguém te tocará profundamente
ninguém te saberá
ninguém.

Por isso olhamos as nuvens
Sentados ao vento que não sopra
Enquanto os balanços rangem
 os rádios cantam
e a rua à nossa frente
é tão intocável como um quadro
pintado por outro

Por isso olhamos em volta
e o que se passa além de nossa [palavra ilegível]
não nos soluciona
(ninguém sabe
ninguém saberá).

O caule quebrado do girassol
o livro de Toynbee sobre os degraus
a caneta riscando o papel
as nuvens

a tarde
a rua

o medo. (ABREU, 2012, p. 47-48)

Aqui, o anseio pelo amor dá lugar à desilusão de um homem que percebeu que talvez sua ausência interior não seja preenchida, ou porque esse amor não será possível, ou porque, caso seja, não poderá ser totalmente revelado – e, portanto, vivenciado. Assim, a solidão perdura com a certeza de que ninguém – palavra esta repetidamente entonada com uma ênfase que estrutura todo o poema, caracterizando uma solidão crescente frente a uma realidade frustrante e retratada através de imagens poéticas que ampliam metaforicamente a significação da linguagem – chegará a conhecer tanto sua superfície, como em “da secura de nossos olhos / da dureza de nossa boca”, quanto o que de mais idiossincrático o sujeito



lírico pode oferecer, como o próprio medo.

Ressalte-se que o poema é atravessado por pronomes e verbos na primeira pessoa do plural, indicando que aquela solidão é vivenciada por outros, uma comunidade. A partir da segunda estrofe, com a presença de um interlocutor (tu) bem demarcado, o eu lírico vai se revelando como um mestre a alguém mais novo, apontando as mazelas e as experiências já vividas enquanto homem gay e indicando que o jovem aprendiz passará pelas mesmas situações, como uma predestinação, um ciclo interminável: este também não será sabido ou tocado.

Retomando o plural, tem-se o entendimento, a partir do olhar sobre o cotidiano que não lhes pertence, que é “tão intocável como um quadro / pintado por outro”, que eles não fazem parte dessa existência, o mundo não os acolhe. A única coisa que resta é o medo, uma condenação à solidão perpétua.

14

Quero ficar sozinho
quero ficar sozinho e mudo e duro e frio
no meu canto
quero desconfiar de todos
de todos e de ti e de mim também
quero ficar escondido
no meu canto
quero morder tua mão
quero cuspir no teu rosto
quero ficar sozinho
fumar fumar tomar chimarrão e fumar
inatingível
no meu canto
quero roer as unhas
e não acreditar
quero não supor
quero não dormir
quero ficar acordado
de olho bem aberto
desconfiando de tudo e de ti e de mim
duro e mudo e frio
sozinho
no meu canto. (ABREU, 2012, p. 50)

Com o poema 14 temos a materialização da revolta, em que a solidão é escolhida com

285



o intento de não ser mais imposta, preferindo o eu-lírico a morte, como sugerido nos versos que se repetem, “duro e mudo e frio”, a ter de conviver em uma realidade que não lhe pertence. Desta maneira, o eu lírico prefere o isolamento no seu próprio canto, onde nada nem ninguém, além dele próprio, pode atingi-lo, o que resulta em uma solidão, como já mencionado, ainda mais rigorosa.

Está, entretanto, marcada a existência de uma outra pessoa, um interlocutor – identificado pelos pronomes de segunda pessoa do singular – que lhe é caro, mas de quem, talvez pelo medo mencionado no poema anterior, o eu lírico sente a necessidade de se afastar: ele quer desconfiar, quer morder, quer cuspir. Com a solidão aprendida ao longo da vida enquanto homem homossexual, o sujeito sente o medo de que tudo escape de suas mãos e de que ele retorne, sem escolha, à solidão primária.

17

Aceito a solidão que me impões.
Senhor, embora não a compreenda
nem a creia justa ou merecida.
Ainda assim, aceito essas manhãs sem gosto
em minha boca seca,
e também as noites sem ninguém
com seus sonhos de treva e medo.
O telefone calado, a campainha muda
Ninguém pensa em mim pela cidade imensa.
Faço faxinas pela casa
e limpo meu corpo metodicamente
como se amanhã fosse outro dia
e não a continuação deste mesmo
de hoje, de ontem, e mais além.
Tenho pena de mim que habito
este país deserto
tenho pena de ter inventado tudo isso
como uma rede. E ainda assim aceito,
Senhor, saturnos, quadraturas,
sinais indecifráveis para meus olhos cansados
de tantos símbolos
Mas limpo a casa, faço a cama
compro rosas que espalho pelos cantos,
escrevo maus poemas, como este,
que me embalam distraído
das durezas que me impões a cada dia.
Submisso ou covarde, aceito, aceito.
Durmo sozinho sempre.

286



E amanhã, recomeço. (ABREU, 2012. p. 104)

Este breve percurso se encerra já na década seguinte, em um período de maturidade do eu lírico, no qual ele reconhece – embora não concorde – que sua condição o predestinou a uma vida solitária e vazia, a qual ele tenta por conta própria preencher, seja limpando a casa, comprando flores ou escrevendo. Ainda assim, os sonhos são “de treva”, o país é “deserto”: imagens de um sujeito isolado em meio à imensidão, amedrontado, preso a uma rotina em que os dias se repetem, com o cansaço e a aceitação da pessoa que, naufragada na solidão, após nadar muito finalmente chega à areia e se estabelece nela, com a certeza de que, ao menos, é melhor do que estar no mar.

6. Considerações Finais

Com a intenção de apresentar uma nova abordagem à leitura dos poemas de Caio Fernando Abreu, acrescentamos uma causalidade à temática da solidão, tão estudada em sua obra: a solidão gay.

Começamos nosso percurso abordando a concepção de Octavio Paz acerca da solidão e de seus ciclos. Conectando-a com os levantamentos feitos por Michael Hobbes, foi possível a construção cronológica de um enredo marcado por uma série de sentimentos: anseio, desilusão, revolta e aceitação.

Desconsiderando o período da infância proposto por Paz, tendo em vista a impossibilidade de aplicação ao material deixado por Caio F., partimos diretamente para a figura do jovem herói dominado por suas paixões e, conseqüentemente, por sua solidão. No poema de número 8, reparamos em uma ânsia pelo momento de se encontrar no outro e de preencher o vazio causado pela consciência de si. Esse anseio se amplifica, na medida em que é necessário desejar e sonhar por aquilo a que as pessoas heterossexuais têm prontamente acesso. É indispensável a realização de um esforço para enquadrar tais poemas no ciclo da adolescência, pois, como exposto, o eu lírico encontra-se em seus 26 anos; ainda assim, os sentimentos são comparáveis àqueles que acabaram de romper com o mundo infantil, já que



foi negado a ele que vivesse, na *idade adequada* de descoberta da própria identidade, a veracidade dos sentimentos.

Seguiu-se, no poema de número 12, uma desilusão provinda da percepção de que o eu lírico está fadado a uma solidão perpétua, em uma aparente desistência da possível comunhão com mundo ou com o outro. O sujeito se conforma momentaneamente com a condição que a sociedade lhe impõe perante sua natureza, ao mesmo tempo que tenta confortar seu igual.

A desilusão é estilhaçada, no poema de número 14, pela revolta heroica do jovem que, indo em busca daquilo que lhe foi negado, encontra-se no outro e percebe que, como mostrado por Hobbes, a própria comunidade gay parece a seus olhos uma selva, onde é preferível ter atitudes ruins como cuspir no rosto daquele que tanto procurou e retornar ao isolamento que antes não era uma escolha.

Chegando ao último, o poema 17, enquadrados, finalmente, o eu lírico na maturidade, fase em que a solidão, segundo Paz, se torna uma anomalia. Contudo, mesmo que esta continue a existir, percebe-se no homem já uma maturidade para lidar com seus sentimentos, visando a suas responsabilidades e indo em direção àquilo que o liga à vida, tendo em mente a dialética antes proposta, não mais tentando abolir a solidão, mas encontrar junto dela a assonância pretendida com o mundo.

7. Referências

ABREU, Caio Fernando. *Contos completos*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ABREU, Caio Fernando. *Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu*. 1ª ed. São Paulo: Record, 2012.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. *Crônica da solidão*. 1ª ed. São Paulo: EPU, 1984.

CHAPLIN, Letícia; SILVA, Márcia. *A poesia não é adiável*. In: ABREU, Caio Fernando. *Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu*. 1ª ed. São Paulo: Record, 2012.

FARES, Cláudia. *O arco da conversa: um ensaio sobre a solidão*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Jorge, 1996.

GIKOVATE, Flávio. *Ensaio sobre o amor e a solidão*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1998.

HOBESS, Michael. *The epidemic of gay loneliness*. In: Highline, New York, 2017. Disponível em: <<https://highline.huffingtonpost.com/articles/en/gay-loneliness/>> Acesso em:

288



06/07/2021.

PAVELTCHUK, Fernanda; BORSA, Juliane. *A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais*. In: Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 41-54, dez. 2020.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

